



FOLKCOMUNICAÇÃO, CULTURA E ARTE EM BUSCA DA RESILIÊNCIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

FOLKCOMMUNICATION, CULTURE AND ART IN SEARCH OF RESILIENCE IN PANDEMIC TIMES

FOLKCOMUNICACIÓN, CULTURA Y ARTE EN BÚSQUEDA DE LA RESILIENCIA EN TIEMPOS DE PANDEMIA

Betania Maciel

■ Professora-pesquisadora da Faculdade de Ciências Humanas ESUDA –PE- Brasil. Doutora em Comunicação Social – UMESSP-Brasil.

■ Email: betaniamaciel@gmail.com

110



RESUMO

Com o cenário atípico proporcionado pela pandemia do Covid-19, buscamos identificar como as expressões e manifestações da arte pública, urbana e popular, com foco no grafite, foram utilizadas como práticas comunicativas capazes de expressarem sentimentos coletivos diante da tragédia pandêmica, assim como suscitar debates públicos através das reivindicações de caráter político das classes marginalizadas. Partindo da teoria folkcomunicação como base para amalgamar diversas perspectivas do estudo da cultura e compreender esta forma de arte numa perspectiva tanto identitária como reivindicatória, analisamos de forma exploratória as manifestações desta natureza ocorridas durante 2020 e 2021 no Estado de Pernambuco, Brasil. Nossos resultados iniciais apontam para a ocupação por parte da grafiteagem de um lugar histórico na representação coletiva dos anseios e necessidades de uma população fragilizada e marcada pelo medo e pela incerteza e para o uso de elementos do imaginário cultural local, regional e como elemento de conexão com o público e como reafirmação da identidade. Por outro lado, também questionamos em que medida a legitimação e a inserção das ações em políticas públicas não limitam o potencial contestador do grafite enquanto modalidade do ativismo, levando em conta ainda a necessidade de ações inclusivas frente à perspectiva da interseccionalidade.

PALAVRAS-CHAVE: FOLKCOMUNICAÇÃO; COVID-19; CULTURA POPULAR; GRAFITE; ARTIVISMO.

ABSTRACT

With the atypical scenario provided by the Covid-19 pandemic, we aim to identify how the expressions of public, urban, and popular art, with a focus on graffiti, were used as communicative practices capable of expressing collective feelings in the face of the pandemic tragedy, as well as raising public debates through the political claims of marginalized classes. Based upon the Folkcommunication theory, different perspectives of the study of culture are intertwined to understand this form of art from both an identity and a claiming perspective. Then, we analyze manifestations of such a kind occurring in 2020 and 2021 in the State of Pernambuco, Brazil, in an exploratory way. Our initial results point to the occupation by graffiti of a historical place in the collective representation of the desires and needs of a fragile population marked by fear and uncertainty. We also point to the use of local and regional cultural features as a connecting element with the public and as a reaffirmation of identity. On the other hand, we also question to what extent the legitimization and insertion of these actions in the framework of public policies limit the contesting potential of graffiti as a modality of activism, taking also into account the need for inclusive actions in the perspective of intersectionality.

KEYWORDS: FOLKCOMMUNICATION; COVID-19; POPULAR CULTURE; GRAFFITI; ARTIVISM.

RESUMEN

Con el escenario atípico de la pandemia del Covid-19, se buscó identificar cómo las expresiones y manifestaciones del arte público, urbano y popular, con enfoque en el graffiti, se utilizaran como prácticas comunicativas capaces de expresar sentimientos colectivos frente a la realidad de la tragedia pandémica, así como suscitar debates públicos a través de las demandas de carácter político de las clases marginadas. Partiendo de la teoría de la Folkcomunicación como base para amalgamar diferentes perspectivas del estudio de la cultura y entender esta forma de arte tanto desde una perspectiva de identidad como reivindicativa, analizamos de manera exploratoria las manifestaciones de esta naturaleza ocurridas durante 2020 y 2021 en el Estado de Pernambuco, Brasil. Nuestros resultados iniciales apuntan a la ocupación por el graffiti de un lugar histórico en la representación colectiva de los deseos y necesidades de una población marcada por el miedo y la incertidumbre y al uso de elementos del imaginario cultural local y regional como elemento de conexión con el público y como reafirmación de identidad. Por otro lado, también cuestionamos en qué medida la legitimación e inserción de acciones en las políticas públicas no limitan la posibilidad de incapacitar al graffiti como modalidad de activismo, tomando en cuenta aún la necesidad de acciones inclusivas frente a la perspectiva de la interseccionalidad.

PALABRAS CLAVE: COMUNICACIÓN POPULAR; COVID-19; CULTURA POPULAR; GRAFFITI; ARTIVISMO.



Introdução

A cultura e a criação artística podem ser comparadas ao DNA do que nos constitui como sociedade. Mas assim como os organismos reagem e as espécies evoluem diante das pressões e ameaças ambientais, também elas respondem e se adaptam em momentos de crise. Com a emergência sanitária mundial provocada pela pandemia do Covid-19 no início de 2020 passamos a refletir sobre as ações necessárias para apoiar expressões culturais e criativas que mantenham viva nossa essência. Contudo, também é necessário reconhecer que estas manifestações ocorrem num cenário contemporâneo de mudanças paradigmáticas, com a quebra das representações hegemônicas, revelando múltiplos enfoques na discussão identitária. Assim, as “velhas identidades” entram em declínio, fazendo-nos questionar a estabilidade das identidades culturais ditas “naturais” que atuam como instrumento ideológico de perpetuação do poder dos grupos dominantes e de subalternização dos grupos mais vulneráveis na sociedade.

Ao compreender o papel da arte e da comunicação como elementos de contestação e também de promoção da visibilidade das identidades dissidentes, com suas rupturas, fragmentações e (des)construções, surge o interesse por novas práticas descentralizadas de produção, circulação e recepção dos símbolos culturais. Práticas que podem ser facilitadas tanto pelas tecnologias digitais de informação e comunicação, como pelas formas de organização social mais “tradicionais”, como no caso dos grupos de bairros periféricos, caracterizados por uma camada populacional de baixa renda.

Em sua confluência, estes dois movimentos resultam na apropriação de tecnologias digitais para a divulgação da cultura popular e de suas questões reivindicatórias, em termos de

participação política e social. Processos de reciclagem, reinvenção e hibridação comunicativa ampliam possibilidades de representação social, a partir das formas de pensar sentir e agir. Faz-se necessário, então, desconstruir a ideia de uma suposta identidade genérica nacional, fortemente marcada pelo etnocentrismo e pelo sexismo, para entender estes fluxos contra-hegemônicos.

Tais premissas nos serviram de base para a elaboração do projeto de pesquisa denominado “Artes, memórias e narrativas sociais: estudos da (in)visibilidade identitária do povo nordestino” tendo como objetivo de discutir o papel da cultura, da produção artística e dos registros por eles estabelecidos na legitimação da população da região Nordeste do Brasil, estabelecendo relações entre a identidade expressa pela produção artística e a disputa de narrativas de poder. Para realizá-lo, propomos investigar e registrar as práticas criativas através das quais grupos sociais vulneráveis resistem, recriam, esquivam, subvertem ou superam suas representações identitárias mediante estratégias da ressignificação da cultura marginal através da arte popular.

Com o cenário atípico proporcionado pela pandemia do novo coronavírus, este embasamento geral do projeto deu lugar à proposta específica de identificar como estas práticas comunicativas expressaram sentimentos coletivos diante da tragédia pandêmica, assim como suscitaram debates públicos através das reivindicações destas classes marginalizadas. Para isso, primeiramente estabelecemos em forma de ensaio os fundamentos teórico-metodológicos necessários para abordar estes fenômenos, utilizando a teoria folkcomunicação como base para amalgamar diversas perspectivas do estudo da cultura. Logo analisamos, de forma exploratória, manifestações desta natureza ocorridas durante 2020 e 2021 no Estado de



Pernambuco, com foco no grafite, entendendo este como arte pública¹, urbana e popular.

Folkcomunicação, grafite e arte popular: a disputa pela cultura

O grafite, embora tenha recentemente alcançado o status de arte, muitas vezes é confundido ou reduzido à pichação de muros e monumentos, atos realizados por pessoas e grupos que desejam demarcar o território. Este preconceito pode ser explicado pelo fato do grafite estar vinculado historicamente às manifestações e movimentos populares de periferia, “invadindo” as ruas das metrópoles. Como expressão de arte pública, entretanto, seu conteúdo está ligado à capacidade de mobilizar a atenção das pessoas e comunicar mensagens de cunho político e social. Neste sentido, no intento de situar-se no cenário mais amplo da arte em relação à sociedade o grafite estabelece um diálogo entre a obra, o lugar, o artista e o público:

Atualmente, o grafite está inserido nas produções da arte contemporânea, na arte urbana, arte que inclui o barulho das ruas, a vida agitada, a correria do dia a dia. Portanto, a relação do grafite traz, de uma maneira simbólica, a analogia da mistura, do hibridismo, sentimentos contraditórios de surpresa, de admiração e de repulsa, ao mesmo tempo (Possa, Blauth, 2013, p. 61).

Tendo como suporte a própria cidade, tendo como característica sua natureza efêmera devido à própria durabilidade em termos físicos de seus suportes, abordando temas relacionados à crítica social, o grafite pode ser entendido como uma forma de arte democratizadora, ocorrendo

¹ Segundo Regatão (2007, p. 62), “o conceito de arte pública abrange vários tipos de intervenção artística, desde os murais ou as esculturas mais decorativas até os painéis eletrônicos, cartazes ou performances. Na realidade, este conceito está em constante transformação, podendo incluir também “programas de arte comunitária”.

de forma arbitrária e descomprometida com qualquer imitação espacial ou ideológica (Gitahy, 1999).

Destacamos o caráter do grafite como gênero impuro, que, desde o seu nascimento, abandona o conceito de coleção patrimonial e se estabelece como “lugares de intersecção entre o visual, o popular”. A ambivalência do grafite se constitui na simultaneidade com que serve para demarcar territórios de grupos étnicos ou culturais (arte neotribal) e para desestruturar as coleções de bens materiais e simbólicos da chamada “alta cultura” (Canclini, 2006, p. 336).

Existe uma razão para a grafiteagem esteja ligada, como defende Luiz Beltrão nos estudos da Folkcomunicação, à constituição de uma “comunicação dos excluídos” e situando-o como atitude rebelde e contestatória:

Como a praça celebrada pelo poeta, a parede é do povo. Tal como os muros e tapumes, enquanto protegem a intimidade dos que vivem e labutam nos espaços interiores limitados, permitem quase sempre a contragosto a utilização pública de suas superfícies externas, em mensagens inscritas que proclamam ideias, lavram protestos, exprimem anseios e sugerem soluções, zombam do sistema e dos seus mentores e administradores, desafiam, estimulam, excitam e incitam os transeuntes à ação. São o mural dos emissores livres e anônimos, sem acesso a outros meios gráficos mais sofisticados (Beltrão, 1980, p. 227).

Senesta concepção seminal da Folkcomunicação se estabelece que ao não terem voz na esfera social os indivíduos das classes marginalizadas criam seus próprios canais de comunicação mediante expressões da cultura popular, mais recentemente a perspectiva folkcomunicacional passa a contemplar o “ativismo”.



Artivismo é um neologismo conceptual ainda de instável consensualidade quer no campo das ciências sociais, quer no campo das artes. Apela a ligações, tão clássicas como prolixas e polémicas entre arte e política, e estimula os destinos potenciais da arte enquanto ato de resistência e subversão. Pode ser encontrado em intervenções sociais e políticas, produzidas por pessoas ou coletivos, através de estratégias poéticas e performativas [...] A sua natureza estética e simbólica amplifica, sensibiliza, reflete e interroga temas e situações num dado contexto histórico e social, visando a mudança ou a resistência. Artivismo consolida-se assim como causa e reivindicação social e simultaneamente como ruptura artística – nomeadamente, pela proposição de cenários, paisagens e ecologias alternativas de fruição, de participação e de criação artística (Raposo, 2015, p 5).

Se o estudo de uma sociedade composta de uma grande variedade de grupos separados uns dos outros pela heterogeneidade de cultura, diferença de origens étnicas e pela própria distância social e espacial consiste um desafio, uma perspectiva antropológica pode ser de auxílio. De certa forma, a natureza etnográfica da tese de Luiz Beltrão sobre a Folkcomunicação retrata as condições de vida das populações subalternas e sua necessidade de se comunicar socialmente (Beltrão, 1980). Aqui cabe lembrar que em sua elaboração teórica Beltrão se situava na mesma plataforma de geração que os principais intelectuais das Ciências Sociais e dos Estudos Folclóricos, sendo perceptível uma forte influência do pensamento sociológico e folclórico do período (Ramos, 2014). De forma similar, o vasto material etnográfico proporcionado por Gilberto Freyre, ele mesmo discípulo de Franz Boas, serviu como fonte contínua para a formulação da teoria folkcomunicacional

(Schmidt, 2004).

Em seus desdobramentos, e de forma que podemos relacionar com o artivismo, as características do popular passam a se amalgamar com a mídia massiva, em “campos híbridos” e “dialéticos”. Assim, o “folkativismo midiático” proposto por Trigueiro (2005) contempla estratégias multidirecionais com um trânsito entre o massivo e o popular. Especificamente, certos acontecimentos marcantes em termos sociais, espetacularizados pelos meios de comunicação de massa, são apropriados pelas culturas populares e levados aos espaços públicos da rua.

Em suas atualizações, os movimentos de arte popular, além do grafite também incluem expressões legitimamente periféricas que se mostram como meio para que jovens possam sentir-se portadores de uma riqueza cultural e simbólica que os distingue e eleva sua autoestima, sem necessidade de inferiorizá-los, nem de fazê-los necessitados, conforme:

as formas de sentir, pensar e agir das classes subalternas, como vimos nos grupos que compõem estas manifestações na rua de jovens da periferia [funk, brega, hip-hop, passinho dos malokas], confirmamos que através da teoria da folkcomunicação as iniciativas destes grupos, corroboram com a importância das mídias informais, das mídias livres de censura partidária, elitista e hegemônica, que valoriza os meios massivos e tendências a higienização da cultura como uma ferramenta paralela que contribui com a informação (Maciel, 2019, p. 13).

Para esta mesma autora, o estudo das culturas periféricas deve abarcar a interseccionalidade, conforme uma pessoa possa ser ao mesmo tempo, por exemplo, mulher negra, LGBTI+ entre outras condições e exigindo uma análise conjunta dos

fatores de exclusão e suas inter-relações.

Outros temas a serem contemplados são as produções simbólicas em suas perspectivas de autoconhecimento, de libertação dos sujeitos através da assunção da autonomia, das reflexões sobre os próprios atos. São produções que envolvem narrativas sobre questões sociais e cidadania, consciência crítica e mobilização juvenil, habilidades de organização e participação, numa perspectiva que pode ser relacionada à perspectiva de comunicação dialógica e libertadora de Paulo Freire (Sabbatini, 2013).

Assim, a elaboração e fruição de determinadas expressões da arte pública podem ser compreendidas como um processo de inclusão de certos temas e problemas contemporâneos que afetam as classes excluídas socialmente; é neste sentido que propomos a utilização do referencial teórico da Folkcomunicação conjuntamente aos estudos da cultura, da subjetivação e da formação da identidade no sentido de pertencimento para o estudo e análise deste campo de representações.

Contudo, um dos maiores desafios para tratar a temática identitária é a superação da veiculação de imagens exóticas, com privilégio de visões críticas sobre as manifestações populares. Neste ponto, podemos considerar que os meios de comunicação não somente refletem a realidade social, mas ajudam a criá-la, num caminho de mão dupla, como elaborado pela teoria do *agenda-setting* (Maciel, 2007). Especificamente, o que muitas vezes percebemos destas manifestações está associado a um imaginário estereotipado em relação ao periférico/popular, expresso pela grande mídia através das figuras da violência, das badernas e quebra-quebras, dos “rolêzinhos” em bairros do centro e das zonas elitizadas e shoppings centers², entre outros.

Importante lembrar que não se pode cancelar a criatividade e os movimentos espontâneos de sentimento, pensamento e ações que refletem o cotidiano através das expressões folkcomunicacionais. Assim, na contemporaneidade e nos estudos culturais urbanos, expressões e comportamentos culturais identificam-se aos modelos de estudo das culturas, desde sua constituição teórica.

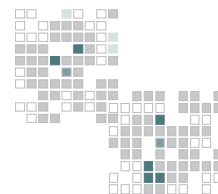
Arte, cultura e contextos pandêmicos

Logo no início da pandemia do Covid-19, com o “fechamento” da maior parte das atividades de caráter social devido às prerrogativas sanitárias de isolamento social, mundialmente surgiu o questionamento: qual seria o impacto sobre a economia? Para nossa análise, cabe considerar que os setores culturais e criativos são importantes por si próprios em termos de importância econômica, com a criação de empregos diretos e indiretos e de valor numa perspectiva de uma sociedade cada vez mais baseada nos fluxos de bens simbólicos. Estes setores estimulam a inovação em toda a economia, bem como contribuem para vários outros canais de impacto social positivo (bem-estar e saúde, educação, inclusão, regeneração urbana etc.). Contudo, estiveram entre os mais atingidos pela pandemia e, apesar de certas vantagens da virtualização das atividades culturais, houve perda econômica, principalmente diante da ineficácia das políticas culturais adotadas (Aguiar, 2021).

Se esta dinâmica econômica varia entre subsetores da indústria cultural, com atividades baseadas em arranjos locais sendo as mais afetadas, as políticas de apoio, fossem elas públicas ou privadas, às empresas e aos trabalhadores durante a pandemia também podem ter sido mal

² Sobre este fenômeno específico, Sant’anna (2017, p. 211) o situa como “movimento socioespacial, ressaltando a capacidade desses sujeitos na produção e transformação do espaço” movimento este que

“denuncia as desigualdades socioespaciais vividas por esses sujeitos em suas práticas espaciais, bem como a busca pela visibilidade e reconhecimento enquanto membros da sociedade de consumo”.



planejadas e executadas, ou mesmo terem sido relegadas num momento onde já se caracterizava a falta de investimentos e a desvalorização da cultura³ (Calabre, 2020). Paradoxalmente, a falta de apoio se evidencia no momento em que ação do setor e de seus múltiplos profissionais mais se fez necessária:

É nesse contexto que com a chegada da pandemia – em meio à proibição das aglomerações, com a imposição do isolamento social –, a música, o teatro, a literatura, a arte em geral, foram saudadas como canais de escape fundamentais da solidão, como alimento da alma, como alento e esperança de tempos e vidas sãs. Seja através de suportes já consagrados, como os livros impressos, os CD de música, seja através da internet em um volume muito maior, ou ainda nas janelas e varandas das casas, por todo mundo, temos assistido à ampliação do consumo de produtos culturais, da valorização da cultura e do uso do tempo diário com atividades de arte e cultura (Calabre, 2021, p. 11).

Apesar do fechamento de museus e galerias, do cancelamento de shows e festas, artistas de todos os gêneros e modalidades continuaram a se aventurar criativamente dentro e fora de suas casas. Através de suas intervenções, questões puderam ser debatidas publicamente de forma a estimular formas de prevenção do contágio, entremesclando educação, saúde e política. A solidão e a incerteza da quarentena foram captadas pelo sentimento artístico e respondida com iniciativas que prezavam a solidariedade e a

3 Cabe destacar que o coronavírus e seus efeitos se somam ao contexto mais amplo, no qual “a arte e a cultura do país vêm sofrendo ataques sistemáticos de outros vírus, como o da intolerância, o do autoritarismo, o do obscurantismo, o do conservadorismo” (Calabre, 2020, p. 9).

resiliência⁴. Através da arte se reagiu ao vírus, de múltiplas e diferentes formas. E a cultura popular teve papel importante, nessa confluência de temas científicos e políticos, com manifestações críticas capazes de elicitar questionamentos, provocações e reflexões.

Mas a representação de um cenário pandêmico através das expressões populares, como o teatro, a dança, a literatura é bastante anterior à pandemia do Covid-19. De maneiras bastante diferentes, dependendo dos meios disponíveis em cada época e da visão do Ser Humano e da sociedade nela predominante. As reações expressando ora resignação, ora lembrando a fragilidade da vida, mas também donas de uma vitalidade capaz de proporcionar esperança e de suscitar o questionamento e o embate político. A Peste Negra, recorrente até o século XIV, junto com as guerras deste período histórico, levou à popularização do gênero “dança da morte” ou “dança macabra”⁵, com esqueletos de diferentes fazendas - um papa, um imperador, um fazendeiro, uma criança - dançando alegremente ao redor de um túmulo. O retrato da devastação da época se fez intensamente presente na arte, incluindo a célebre “O Triunfo da Morte de Brueghel”, de 1562 (Pawlak, 2018).

Se Oscar Wilde afirmou que a realidade imita a arte, a verdade é que a arte nunca foi imune

4 Adotamos aqui a concepção de resiliência como processo (e não como traço de personalidade), num alinhamento com a definição proposta por Brandão (2009, p. 108): “o processo em que um sujeito enfrenta adversidades, se abala, supera as adversidades e o seu próprio abalo e amadurece, desenvolvendo-se a partir deste enfrentamento –, optando por considerar como resiliência os fenômenos de recuperação e superação e não os de resistência ao estresse”.

5 Inspiração para o conto de Edgar Allan Poe, “A Máscara Rubra da Morte Rubra”, uma alegoria sobre a inevitabilidade da morte. Nele, o príncipe Próspero e seus cortesãos tentam evitar a doença que se assolava o país isolando-se numa abadia acastelada. Contudo, essa demonstração de elitismo não funciona, diante da universalidade da morte. O conto está disponível em tradução comentada de Ana Karina Braun no Cadernos de Letras, n. 42, 2018 e disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cadernosdetraducao/article/view/82996/48201>



aos vírus, pelo contrário. A pandemia da gripe espanhola de 1918 que levou as vidas de Klimt e Schiele também fez com que Munch pintasse seu “Autorretrato com a Gripe Espanhola” (1919): o artista isolado em casa, sentado em um manto e com um cobertor em uma poltrona, a cama com as roupas dobradas ao lado dela. Sua boca está aberta, vazia, surpresa, magoada. A mesma enfermidade fez com que Virginia Woolf retratasse sua Sra. Dalloway como uma sobrevivente de uma doença durante a qual ela foi capaz de refletir, se compreender, se aceitar e tentar embelezar o mundo ao seu redor (Rangel, 2011).

Diante desta perspectiva histórica do papel da arte e da cultura na interpretação e ressignificação dos diversos impactos causados por uma pandemia, e tendo em conta os fluxos não hegemônicos e reivindicatórios das expressões folkcomunicacionais, cabe investigar como a arte pública, urbana e periférica assumiu este desafio.

Expressões identitárias, entre a resiliência e a memória frente ao vírus

Num mundo globalizado, uma forma de manifestação popular, associada à cultura jovem como é o grafite, rapidamente transcendeu fronteiras e se espalhou pelo mundo. Em Recife, não foi diferente e logo surgiu uma comunidade de pixadores e grafiteiros, marcada por suas regras internas de sociabilidade e pelos atritos com o poder público, inclusive com uma legislação oficial proibitiva. Contudo, apesar de seu caráter transgressor, o movimento também passou a se articular com as autoridades e com a iniciativa privada buscando sua viabilização e a afirmação dos artistas enquanto atores sociais, possuidores do direito à cidade através do exercício da liberdade de expressão artística (Moura, 2014).

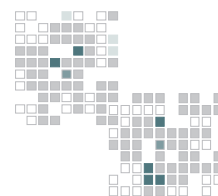
Um dos expoentes desta geração capaz de romper com o preconceito e alcançar

reconhecimento social foi o artista conhecido como Galo, que sintetiza diversos elementos da discussão do grafite como meio de comunicação de resistência em sua trajetória pessoal:

Ainda garoto, José Cordeiro de Melo Neto acreditava que a arte não podia ir mais além do que alguns dizeres pichados na parede. Porque, para um jovem da periferia, que cresceu entre as comunidades de Piedade, Várzea e Roda de Fogo, e se revoltava com qualquer manifestação artística exposta em museus e galerias, a adrenalina que lhe proporcionava o anonimato de pichar paredes às escondidas, durante as madrugadas, era muito mais excitante e parte de seu mundo. Os primeiros contatos com a cena hip-hop da década de 1990 deram a ele o entendimento de que poderia sair daquele anonimato para atuar como sujeito, alguém que poderia modificar a própria realidade e a de seu entorno (Souza, 2012, s.p).

Cabe destacar que mesmo antes da pandemia, o grafite era objeto de reconhecimento institucional, ao ponto de ser o tema dominante do Carnaval de 2017 do Recife. Na ocasião, a própria escultura do Galo da Madrugada, um dos símbolos mais notórios da festa recifense, teve o corpo grafitado pelo artista Flávio Barra. No restante da decoração urbana, foram realizadas impressões de grafites realizados previamente por seis artistas que logo foram transpostas para estruturas móveis, tecidos e outros elementos de sinalização (Secretaria De Cultura do Recife, 2017).

Chegada a pandemia e as consequentes medidas restritivas no Estado, os artistas urbanos tiveram suas atividades paralisadas e viram-se forçados a buscar novas formas de desenvolver seus trabalhos. O próprio Galo teve sua rotina transformada e relatou passar a pesquisar e ler



mais sobre movimentos como o antirracismo e o antifascismo, ao mesmo tempo que produzia telas e escrevia um livro (Folha de Pernambuco, 2020).

Logo, num momento bastante tenso do ano de 2020, marcado por incertezas e pelo auge do distanciamento social, o poder público acionou a capacidade de mobilização dos artistas de rua. Por parte da Secretaria de Turismo, Esportes e Lazer (Seturel) da prefeitura do Recife foi realizado o projeto “A Arte Cura”, com o intuito de “conscientizar as pessoas”, com “mensagens que falam de amor ao próximo, solidariedade e pensamento coletivo sobre a necessidade do isolamento”. Com a participação do grafiteiro Carlos André, tal ação se colocava no contexto de enfrentamento do coronavírus (Diário de Pernambuco, 2020).

Por sua parte, o SESC Pernambuco mobilizou uma ação denominada “Painel Covid na Periferia” tendo como objetivo unir arte, educação e proteção. Junto à grafiteagem com mensagens de orientação realizada por Galo e outros artistas locais, kits preventivos contra o coronavírus eram distribuídos para a população, tanto na periferia da capital como em cidades do interior (SESC-PE, 2020).

Já em Cabo de Santo Agostinho, na região metropolitana do Recife, o poder público realizou um projeto junto aos grafiteiros locais Lorde e Wagner Lenda para que eles estampassem os ambientes hospitalares de campanha com mensagens de esperança, fé, conscientização espiritual, mas também funcionando como alertas de conscientização para a população. Tal ação pedagógica viria ao encontro a uma política de aproximação da Prefeitura com as classes culturais do Cabo, com atenção para a arte urbana e para o grafite. De acordo com Lenda, este momento no qual “portas estão sendo abertas”, com a superação do preconceito, da associação negativa com o vandalismo e mesmo

da criminalização em relação à arte urbana, seria a realização de um sonho (Fonseca, 2020).

A suspensão do Carnaval de 2021, uma festa de alta relevância para o turismo de Pernambuco, levou à realização de uma ação específica do projeto “Colorindo Recife” na qual grafiteiros foram incumbidos de resgatar as cores e a alegria do Carnaval em oito murais, ao mesmo tempo que transmitia mensagens de autocuidado e respeito aos protocolos de prevenção à Covid-19. Neste sentido, figuras representativas do festejo como são os passistas de frevo e o Homem da Meia-Noite foram representadas usando máscara, utilizando álcool gel ou pregando o distanciamento (G1, 2021).

Mais recentemente a Prefeitura do Recife, através de sua Secretaria da Mulher promoveu um curso sobre normas de segurança para o trabalho em altura, voltado para mulheres grafiteiras, buscando integrá-las ao projeto “Colorindo Recife”. Como justificativa, o impacto econômico da pandemia sobre as artistas periféricas demandou ações inclusivas como esta, principalmente num setor de baixa participação feminina e marcado por desafios como o machismo e a burocracia. O projeto teve participação de um coletivo, o Pixegirls, que articulou as necessidades e demandas deste segmento populacional. Como perspectiva de futuro, os próximos editais realizados pela Prefeitura que já buscam criar uma política de arte urbana para o Recife através de uma metodologia participativa, de construção coletiva que contemplará a equidade de gênero (Secretaria da Mulher do Recife, 2021).

Através deste estudo exploratório e indireto das ações realizadas no âmbito do grafite no momento da pandemia⁶ podemos identificar

6 Devido às restrições sanitárias e ao isolamento social, o próprio acesso ao campo de pesquisa e interlocutores, tanto de forma individual como coletiva, mostrou-se inacessível, motivo pelo qual opta-



elementos de nossos pressupostos teórico-metodológicos. Em primeiro lugar, este tipo de arte – pública, popular, periférica – ocupou seu lugar histórico na representação coletiva dos anseios e necessidades de uma população fragilizada e marcada pelo medo e pela incerteza. Através de imagens privilegiando cores vivas e atitudes positivas, como se pode perceber através de uma análise denotativa dos murais e grafites realizados no período, ou mesmo da declaração de intenção dos artistas envolvidos, buscou-se estabelecer um sentimento de esperança e de resiliência.

Por outro lado, cabe considerar que as ações realizadas foram de natureza institucional, realizadas através de projetos já existentes ou de iniciativas mais pontuais. Assim, esta ligação com uma comunicação oficial explica o alinhamento das mensagens veiculadas com o discurso dominante, prezando as medidas de prevenção e o isolamento social. Se por um lado, podemos interpretar este fato como uma aceitação do grafite enquanto expressão artística e como ferramenta de mobilização social, também podemos nos questionar em que medida os artistas não se viram tolhidos em sua liberdade de expressão, ainda mais quando consideramos o caráter contestatório desta arte. Sem chegarmos ao extremo do negacionismo científico, fomentado pelo extremismo político que marcou a condução da pandemia no Brasil, seria possível que os grafiteiros pudessem realizar determinados questionamentos ou críticas às instituições as quais estavam vinculados, considerando ainda que estas ações também tiveram motivação de auxílio a um setor cultural impossibilitado de trabalhar? Questionamos dessa forma se o potencial de ativismo do grafite, num sentido realmente contestador e potencializador de debates públicos pôde ser

realizado num contexto pandêmico. E de forma mais geral, em sua inserção em políticas públicas de fomento e incentivo, tanto na ótica do auxílio emergencial a um setor cultural debilitado como de programas preexistentes de interlocução do hegemônico com a cultura popular.

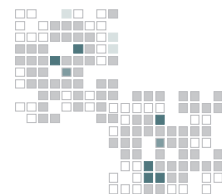
No plano identitário percebemos o uso de elementos da cultura regional e local, especialmente os personagens carnavalescos, como uma reafirmação da identidade, buscando estabelecer uma conexão direta e íntima com o público geral. Por outro lado, o uso de alguns elementos da cultura pop globalizadas e o próprio entendimento da pandemia como um fenômeno espetacularizado pelos meios massivos permitem-nos situar estas expressões como folkativismo midiático.

Por último, a questão da equidade de gênero e da inserção feminina no grafite também aponta para a necessidade de se considerar a expressão das classes marginalizadas a partir de uma perspectiva de interseccionalidade.

Considerações

A pandemia do Covid-19, pela dimensão e qualidade de seus impactos, possui lugar garantido na História. Contudo, o que não temos certeza, somente intuições (talvez desejos) diz respeito ao que teremos aprendido com ela. Se por um lado a ideia de um “novo normal”, de uma sociedade baseada na solidariedade e na colaboração nem mesmo chegou a se firmar durante o período pandêmico, podemos perceber certos aspectos positivos.

No caso da arte e da cultura em geral, ainda que no cenário brasileiro se coloquem desafios, inclusive de sobrevivência do setor no sentido econômico motivada pela falta de apoio do setor público, seu lugar enquanto instituição social, capaz de conectar a experiência humana viu-se fortalecida. No caso particular do grafite, e tomando como base um estudo exploratório



e indireto, percebemos que a crise pandêmica tornou-se de certa forma uma oportunidade para a legitimação e aceitação deste tipo de arte e de seu potencial para mobilizar as emoções do público, a partir da conexão com elementos da cultura local, regional e identitária. Mais além destas particularidades, mensagens de resiliência e de esperança situaram estas manifestações dentro da experiência universal que a arte almeja.

Logicamente, tais resultados são iniciais e limitados em relação a seu alcance. Como continuidade do projeto de pesquisa vislumbramos a necessidade de estabelecer contato com o campo, registrar as ações e percepções dos homens e mulheres que através de sua arte periférica romperam as barreiras do isolamento e ocuparam os centros urbanos com

suas mensagens. Somente através deste contato direto será possível averiguar em que medida o potencial contestador, reivindicatório que associa o grafite como uma forma de ativismo ou de folkativismo midiático permanece presente e possível, diante de sua legitimação pelos poderes públicos oficiais.

Entre a necessidade de expressar suas emoções e vivências, como também a reaproximação entre o sujeito e o mundo, mas reafirmando seu caráter de “voz dos excluídos” é neste potencial que vislumbramos o futuro do grafite. Ele é parte desta língua política, da política poética, do agenciamento do sensível, transmitida pela cultura de rua, das favelas, dos bairros periféricos, das comunidades carentes.

Referências

AGUIAR, M. de A.; AGUIAR, L. A. A pandemia da Covid-19 e seus impactos no setor cultural brasileiro. **Sociedade e Cultura**, v. 24, 2021. Disponível em <https://doi.org/10.5216/sec.v24.66308>

BELTRÃO, L. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

BRANDÃO, J. M. Resiliência: de que se trata? O conceito e suas imprecisões. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

CALABRE, L. A arte e a cultura em tempos de pandemia: os vários vírus que nos assolam. **Extraprensa**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 7 – 21, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/170903>

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4 ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Ruas do Recife recebem grafites com mensagens sobre solidariedade e isolamento. **Diário de Pernambuco**, Arte, 1 maio 2020. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2020/05/pandemia-recife-convida-grafiteiro-para-pintar-mensagens-de-otimismo.html>

FONSECA, C. Artistas do Cabo estampam paredes de hospitais de campanha que atendem pacientes com coronavírus. **NE 10**, 12 maio 2020. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/>

[pernambuco/2020/05/5608961-artistas-do-cabo-estampam-paredes-de-hospitais-de-campanha-que-atendem-pacientes-com-coronavirus.html](https://g1.globo.com/pe/pernambuco/2020/05/5608961-artistas-do-cabo-estampam-paredes-de-hospitais-de-campanha-que-atendem-pacientes-com-coronavirus.html)

FONSECA, D. Sem festa por causa da pandemia, grafitagens levam cores e símbolos do carnaval a muros no Recife. **G1**, Pernambuco, 15 fev. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2021/02/15/sem-festa-por-causa-da-pandemia-grafitagens-levam-cores-e-simbolos-do-carnaval-a-muros-no-recife.ghtml>

MACIEL, Betania. O papel da folkcomunicação na construção do desenvolvimento regional. In: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Santos, 29 ago-2 set 2007. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/r0841-1.pdf>

_____. O passinho dos Malokas: a participação do jovem como atores sociais, protagonistas das suas próprias ações. In: 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belém, 2-9 set 2019. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2007. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0302-1.pdf>

MOURA, T. S. R. **Pixadores, grafiteiros e suas territorialidades**: apropriações socioespaciais na cidade do Recife. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/>



[handle/123456789/11068](https://doi.org/10.1163/9789004367579_007)

PAWLAK, A. The imaginarium of death: Pieter Bruegel's "*The Triumph of Death*". In: KASCHEK, J.; MÜLLER J.; BUSKIRK, J (org.).

Pieter Bruegel: the Elder and Religion. Leiden: Brill, 2018. pp. 134-158. Disponível em: https://doi.org/10.1163/9789004367579_007

POSSA, A. C. K.; BLAUTH, L. Grafite: cultura, arte urbana e espaço público. **Revista Práxis**, v. 1, p. 53-62, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.25112/rp.v1i0.744>

RAMOS, T. R. **Folkcomunicação, Ciências Sociais e Estudos Folclóricos: entrelaçamento e embates.** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014.

RANGEL, P. **O retrato de Oscar Wilde: uma análise de sua obra crítica: conferências e ensaios.** 2011. 71 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2011.

RAPOSO, Paulo. "Artivismo": articulando dissidências, criando insurgências. **Cadernos de arte e antropologia**, v. 4, n. 2, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4000/cadernosaa.909>

REGATÃO, José Pedro. **Arte pública e os novos desafios das intervenções no espaço urbano.** Lisboa: BonD, 2007.

SABBATINI, M. Comunicação libertadora segundo Paulo Freire In: MELO, J. M. M.; FERNANDES, G. (org.). **Pensamento comunicacional brasileiro.** São Paulo: Paulus, 2014, v.1, p. 441-450.

SANT'ANNA, L. M. Rolezinhos: movimentos socioespaciais do cotidiano. **Revista NERA**, a. 20, n. 39, p. 211-230, 2017. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/download/4857/3968>

SCHMIDT, C. Folkcomunicação: uma metodologia participante e

transdisciplinar. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, v. 2 n. 3, 2004. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/18605>

SECRETARIA DE CULTURA DO RECIFE. Arte de Rua também toma conta do Galo gigante da ponte. **Prefeitura do Recife**, 13 fev. 2017. Disponível em: <http://www2.recife.pe.gov.br/noticias/13/02/2017/arte-de-rua-tambem-toma-conta-do-galo-gigante-da-ponte>

SECRETARIA DA MULHER DO RECIFE. Prefeitura do Recife realiza curso para grafiteiras. **Prefeitura do Recife**, 18 out. 2021. Disponível em: <http://www2.recife.pe.gov.br/noticias/18/10/2021/prefeitura-do-recife-realiza-curso-para-grafiteiras>

SESC-PE. Painel Covid-19 usa grafite para conscientizar e informar. **SESC-PE**, 6 ago. 2010. Disponível em: <https://www.sescpe.org.br/2020/08/06/painel-covid-19-usa-grafite-para-conscientizar-e-informar>

SOUZA, O. Galo de Souza: ao grafite, com êxito. **Revista Continente**, 1. out. 2012. Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/142/galo-de-souza>

TRIGUEIRO, O. A espetacularização das culturas populares ou produtos culturais folkmediáticos. **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**, 2005. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/trigueiro-osvaldo-espetacularizacao-culturas-populares.pdf>

VINICIUS, B. Troca de muros pelas telas: o grafite durante o isolamento social. **Folha de Pernambuco**, 9 jun. 2020. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/cultura/troca-de-muros-pelas-telas-o-grafite-durante-o-isolamento-social/143338>

